

MEDIDAS EDUCATIVAS: MUSEU GAMA D'EÇA E AÇÕES PARA O PERTENCIMENTO

Mariana Deboni Blaya ^a

Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa^b

Denise de Sousa Saad^c

RESUMO

Este artigo relata algumas ações educativas que podem ser desenvolvidas na instituição Museu Educacional Gama D'Eça e Victor Berssani, instituição pertencente à Universidade Federal de Santa Maria. As ações apresentadas já foram desenvolvidas em outros estabelecimentos, maior parte proporcionando resultados positivos e satisfatórios, servindo como base teórica e prática para aplicação das mesmas na cidade de Santa Maria, através do museu da Universidade. Tais medidas têm como objetivo aproximar o público do patrimônio salvaguardado pela instituição, como também chamar atenção para a própria sede da mesma, um exemplar histórico da arquitetura eclética da cidade. Cabe ressaltar que as ações identificadas podem ser adaptadas para o Museu visto que em geral são ofertadas por grandes instituições museológicas e podem não representar a atual realidade do Museu.

Palavras-chave: ações educativas, museus educativos, arquitetura

ABSTRACT

This article reports some educational actions that can be developed in the institution Gama D'Eça Educational Museum and Victor Berssani, an institution belonging to the Federal University of Santa Maria. The actions presented have already been developed in other establishments, mostly providing positive and satisfactory results, serving as a theoretical and practical basis for their application in the city of Santa Maria, through the University museum. These measures aim to bring the public closer to the heritage safeguarded by the institution, as well as to call attention to its own headquarters, a historical example of

^a Acadêmica do PPGPPC Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural - UFSM

^b Profa. Dra. Sociologia e Cultura – Universidade de Quebec em Montreal

^c Profa. Dra. do PPGPPC Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural - UFSM

the eclectic architecture of the city. It should be noted that the actions identified can be adapted to the Museum since they are generally offered by large museological institutions and may not represent the current reality of the Museum.

Keywords: educational actions, educational museum, architecture

INTRODUÇÃO

Muito já se questionou sobre o termo Educação Patrimonial e se propôs falar em educação para o patrimônio, educação com o patrimônio, patrimônio e educação. De todo modo, o termo educação patrimonial carrega o peso da abordagem institucional, centrada em bens materiais e relacionada aos fatos de uma determinada memória nacional. Hoje, entendemos como fundamental a reflexão a respeito da relação patrimonial com foco no sujeito ao mesmo tempo produto e produtor de cultura¹.

“Reafirmar e ampliar a capacidade educativa dos museus e do patrimônio cultural como estratégias de transformação da realidade social²”. Constitui na premissa norteadora para o desenvolvimento de ações educativas, que ofereçam ao público visitante uma fruição mais adequada, prazerosa e profunda de seus espaços expositivos.

Por isso enfoca que os museus encontram-se abertos a todos, porém, inacessíveis à maioria da população, visto que a educação formal deficitária não desperta a necessidade cultural do grande público. Esse fator, relacionado ao baixo capital cultural, artístico e simbólico de significativa parcela dos brasileiros, contribui para a inacessibilidade destes à cultura e, em especial, aos museus. Para que um visitante apreenda o capital simbólico contido em um acervo exposto, ele necessita dos capitais cultural e artístico, embaixadores dessa compreensão³.

¹ GIL, Carmem Zeli de Vargas, POSSAMAI, Zita Rosane. *Educação Patrimonial: Recursos, Concepções e Apropriações*, Mouseion (ISSN 1981-7207), Canoas, n.19 dez 2014.

² IBRAM, IBERMUSEUS lança 7º Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus, 2015. Disponível em < <http://www.museus.gov.br/tag/ibermuseus-premio-ibero-americano-de-educacao-e-museus/> > Acesso em: 10 jun 2016.

³ BINA, Ellene Dourado. *Museus: Espaços de comunicação, interação e mediação cultural*, 2015. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 2, pp. 75-86. 2015. Disponível em: < <http://documentslide.com/documents/binamuseus-espacos-de-comunicacao-interacao-mediacao-cultural.html> >. Acesso em: 10 jun 2016.

A ação educativa muitas vezes resume-se a técnicas e metodologias que façam os educandos desenvolverem habilidades tornando-se assim uma ação técnica. As ações educativas analisadas neste artigo têm como intuito constituírem procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo e a edificação como centro de suas atividades.

O Estado deve reconhecer que os museus podem ser atores económicos na sociedade e contribuir para atividades geradoras de receita. Além disso, estes participam na economia do turismo e em projetos produtivos que contribuem para a qualidade de vida das comunidades e das regiões onde se localizam. De um modo mais amplo, estes podem também aumentar a inclusão social de populações vulneráveis⁴.

Pode estar voltada para a transmissão de conhecimento dogmático, resultando na participação, reflexão crítica e transformação da realidade social. Assim, ser entendida como uma ação também cultural, permitindo que o público compreenda, o que é bem cultural, desenvolvendo uma consciência crítica da realidade que o cerca. Os resultados destas intervenções devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diversas esferas da vida social. Assim as ações educativas nos museus promovem sempre benefício para a sociedade, como também para o próprio museu.

MUSEU E SUA FUNÇÃO

Museu é definido como uma “instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite”⁵. São instituições que procuram representar a diversidade cultural e natural da humanidade, assumindo um papel essencial na proteção, preservação e transmissão do património⁶.

⁴ UNESCO, Recomendações relativas à proteção e promoção dos museus e das coleções da sua diversidade e do seu papel na sociedade, Paris, 2015. Disponível em < http://icom-portugal.org/multimedia/documentos/UNESCO_PMC.pdf> Acesso em: 10 jun 2016.

⁵ Esta definição é dada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), que reúne, a nível internacional, o campo dos museus em toda a sua diversidade e transformações através do tempo e do espaço. Esta definição descreve um museu como um organismo ou instituição pública ou privada sem fins lucrativos.

⁶ Cf. Op. Cit.

Os museus contam com mais de dois séculos de história no Brasil e, ao longo desse período, o seu papel educativo vem-se consolidando e fortalecendo. No Brasil, os recursos financeiros destinados para museus foram sempre escassos⁷.

O recinto museu ganhou diversas formas através dos tempos. Passou a acompanhar as novas tecnologias, avançando por essa via a sua comunicação com o público, seja por meio de exposições dinâmicas – procurando um público ativo e não passivo –, seja via Internet, com o seu marketing, a sua programação, divulgação, debates, ou através de CD ROMs⁸

Aplicada a museus existe também a museologia, que estuda a relação entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural num espaço denominado museu (ou fora dele), tudo isso participando de uma mesma realidade em transformação, o museu é espaço de relações. E que, com base nas relações possíveis entre os seres humanos, mediadas por um discurso que articula os bens culturais o museu pode ser concebido como meio de comunicação e campo de educação⁹

A avaliação, prática já consolidada nos grandes museus do mundo, é fundamental para o aprimoramento permanente, tanto dos produtos desenvolvidos quanto dos processos de comunicação e educação. Como levantamento sistemático de informações úteis à tomada de decisão, os processos de avaliação permitem não apenas medir a adequação das ações da instituição aos objetivos, como também conhecer qual a leitura e experiência do público¹⁰.

MUSEU GAMA D'EÇA PALCO DE INTERVENÇÕES

A cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, apesar de ser conhecida como cidade cultura, realiza poucas atividades em seus museus, de um modo geral os próprios

⁷Cf. Cazelli, 2005 apud Marandino, Martha Organização, Educação em museus: a mediação em foco, FEUSP, São Paulo, 2008. Disponível em < <http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>> Acesso em: 10 jun 2016.

⁸ Cf. Lévy, 1999: 23 apud OLIVEIRA, José Claudio Alves de. O Museu e a sua arquitetura no mundo globalizado: entre informação e virtualidade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília Vol.1, nº1, jan/jul de 2012

⁹ Cf. IPHAN, PARAÍBA, ORGANIZAÇÃO ÁTILA BEZERRA, Iphan Paraíba, Educação patrimonial: reflexões e práticas, IPHAN, João Pessoa, 2012. Disponível em < http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf> Acesso em: 10 jun 2016.

¹⁰ Idem

moradores da cidade acabam por pouco utilizar estes espaços de cultura. Podemos dizer que a preocupação em conhecer os artefatos que fazem parte da história e da memória do povo é imprescindível para que a sociedade se reconheça e faça parte das políticas culturais.

O papel social dos museus é, sem dúvida, o de formação do indivíduo. Sob a óptica educativa, o museu deve, como uma de suas principais funções, permitir a esse indivíduo tornar-se sujeito de sua aprendizagem. Nesse contexto, as ações realizadas pelas instituições, no sentido da comunicação museológica, adquiriram caráter de educação não-formal, pois tratam da apropriação de conhecimento científico pela sociedade fora do espaço escolar¹¹

Como palco para algumas ações educativas, apresentadas neste artigo, será utilizado o Museu Educativo Gama D'Eça, pertencente à Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Sediado no palacete Dr. Astrogildo de Azevedo localizado na Rua do Acampamento, primeira rua da cidade, em uma área central e histórica.

Datado do ano de 1913, a edificação foi construída para abrigar a residência e o escritório médico do Dr. Astrogildo Cezar de Azevedo, médico influente na cidade embora natural de Porto Alegre. Foi delegado estadual de higiene e fundou o primeiro hospital da cidade, o Hospital de Caridade, no ano de 1903. Como intendente Municipal de 1916-1918, tentou resolver o problema de saneamento básico, promoveu abertura de ruas, novos traçados e praças além da melhoria de serviços públicos como iluminação, água e limpeza¹². O histórico palacete foi projetado pelo arquiteto Alemão Theodor Wiederspahn¹³ e a execução da obra ficou ao encargo do engenheiro Henrique Scütz¹⁴. Esta é considerada uma das obras mais expressivas elaboradas por Wiederspahn, ao todo o arquiteto foi responsável por 28 em todo o estado, destas restam apenas 14, destas

¹¹ Op. Cit., p. 28

¹² VILARINO, Leoniza Mac Ginity. Nossas ruas...nossa história. Santa Maria: Pallotti, 2004. p.36-37

¹³ Nascido em Wiesbaden no ano de 1908, emigrou para o Rio Grande de Sul onde já se encontra seu irmão Heinrich Josef, empregou-se como arquiteto responsável pelo departamento de projetos do Escritório de Engenharia Rudolf Ahrons, até o fechamento da mesma desencadeado pela Primeira Guerra Mundial. (WEIMER, 2004). Theodor Wiederspahn teve a época mais **propícia** em seu trabalho no período entre guerras. Quando o movimento modernista chegou ao Estado, a partir da década de 1940, sua obra passou a ser menosprezada. WEIMER, Günter. Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul: 1892/1945. Santa Maria: UFSM, 2004.

¹⁴ FOLETTTO, Vani Terezinha (org). et al. *Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria*. Santa Maria: Pallotti, 2008.

apenas sete estão tombadas ou sob guarda. O palacete em questão não é tombado, mas se encontra sob posse da UFSM e foi adaptado para atividades de cunho cultural.

Com uma área de 537 m² o palacete atualmente possui a seguinte disposição: Térreo-Hall e portaria, sala de exposições temporárias, sala Memorial/UFSM, sala dedicada à Mariano da Rocha, intitulada de “A Trajetória de Vida de José Mariano da Rocha Filho”, sala de Arqueologia e Etmologia, sala de Numismática, coleção Victor Bresani, gabinete da Direção, secretária, cozinha e dois banheiros, no segundo pavimento Reserva Técnica, duas salas de Paleontologia, Sala de Amarias e três salas de Zoologia.

O Gama d’Eça tem um acervo com mais de 13 mil peças, durante o ano são realizadas visitas mediadas, cursos, oficinas e palestras, e há o atendimento especial aos grupos escolares e as exposições itinerantes. Existe uma preocupação constante do Museu em educar, no ano de 2012 foram recebidas 46 escolas, contabilizando mais de 8,7 mil visitantes, número expressivo, porém que poderia ser maior através da implementação de mais e diversas medidas e ações educativas.

AS AÇÕES EDUCATIVAS

Não basta criar ou melhorar as instituições museológicas, tal ação deve ser acompanhada de uma política de gestão efetiva que reconheça as necessidades dos espaços de memória, sobretudo, de reconhecimento e utilização da instituição por parte da sociedade. Fazendo com que a mesma aceite e faça do espaço como seu, tanto para usufruir quanto para salvaguardar.

O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações e representações de um grupo. É, portanto, algo construído por esse grupo e é exatamente por isso que se faz necessário o envolvimento da sociedade. É a sociedade quem define o que é importante para si, o que detém valor para determinado grupo. É necessária a identidade do grupo com os seus bens culturais, caso contrário estes bens se perderão com o passar do tempo e com a alternância das gerações¹⁵.

Para que ocorra a identificação e o apoderamento do espaço museológicos pelo público, ações educativas devem ser tomadas, sendo assim foram selecionados alguns exemplos

¹⁵ Opus Cit.

de medidas educativas aplicadas em outras localidades que resultaram de forma positiva na valorização patrimonial.

“Sem dúvida que o Patrimônio Cultural é um recurso não contemplado quando se fala em desenvolvimento do turismo, a visão que se tem é que somente os recursos naturais, festas e eventos são a maior atração para o turismo. Desenvolver ações de Educação Patrimonial no sentido de se apropriar do Patrimônio Cultural por todos os níveis da população (população local, vereadores, prefeitos, governadores etc.) e incorporar o mesmo nos planos e programas de desenvolvimento econômico dos Municípios, Estados e da União é um caminho para que a riqueza e variedades dos bens culturais se transformem em fator de melhoria de vida para a população e para as regiões, principalmente aquelas onde as condições econômicas são deficitárias”, afirma a Educadora e Arquiteta Evelina Grunberg, autora do Guia Básico de Educação Patrimonial (1999) e do Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial (2007) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, pioneira nos estudos, no desenvolvimento e na aplicação da metodologia no Brasil.

Oficina – Uma “Selfie” no Museu

Esta dinâmica foi baseada nas experiências vivenciadas no Gerdau Museu das Minas e do Metal de Belo Horizonte, Minas Gerais, tendo uma boa aceitação e participação do público. Técnicas e dicas básicas para fotografar com celular ou *tablet* são apresentadas ao público, estimulando para que ao conhecerem o acervo do museu, as fotos também sejam um estímulo para a descoberta do museu como espaço. Observar o próprio palacete de uma forma diferente, a olhar “pela janela”, observar o entorno do museu e desenvolver o “olhar” fotográfico para o registro de paisagens e ambientes externos, como também para os próprios detalhes construtivos guardados sob uma ótica diferente em seu interior.

Sessões em família

Pais, crianças, adolescentes, avós e amigos, pequenos grupos, nos quais as crianças e jovens são acompanhados por adultos com os quais possuem vínculos afetivos, independente do grau de parentesco, se houver. Elaboradas a partir delas as propostas educativas buscam ressaltar e valorizar as memórias e as experiências prévias dos participantes. Esta ação favorece o conhecimento mútuo, resultando no estreitamento dos vínculos familiares.

Oficina de Criação

No Museu Oscar Niemeyer¹⁶, localizado em Curitiba as oficinas de criação, são vinculadas ao teor das exposições. O principal objetivo delas é fazer com que o visitante se expresse criativamente a partir do que viu e aprendeu. Também é uma forma de aproximar o visitante da obra de arte, transmitindo de maneira lúdica conceitos da arte e da exposição em questão.

Fazer com que os visitantes expressem a criatividade a partir da visita e dos aprendizados que obtiveram com a mesma. Aproxima o visitante à arte e a cultura, transmite de forma lúdica os conceitos da arte e do que se pode realizar a partir da exposição assim como dos detalhes da edificação.

Bate Papo no Jardim

O uso da história oral em museu pode contribuir para o enriquecimento da compreensão histórica dos visitantes, se exhibe a finalidade de estimular habilidades mentais do sujeito, significados e também habilidades emocionais, psicológicas e sociais necessárias aos diferentes tipos de questionamento, análise e síntese históricos. A história oral nos museus pode facilitar ou obstar nosso diálogo com o passado, especialmente se temos o objetivo de estar envolvidos nesse diálogo em termos históricos¹⁷.

O palacete em questão possui um jardim histórico, com espécies nativas e espaços de ornamentação como também de contemplação, a proposta desta medida é fazer com que o público após a visita debata os momentos e conhecimentos adquiridos que foram mais impactantes em um ambiente externo que proporciona uma fuga do cotidiano.

¹⁶ MUSEU OSCAR NIEMEYER, Ação Educativa, Curitiba, Disponível em < <http://www.museuoscarniemeyer.org.br/acaoeducativa/acao-educativa>>. Acesso em: 01 jul 2016

¹⁷ RIBEIRO, Aragonêz; ROSSONI, Sirlei. Repensando a ação educativa no museu: formação Prática. URI, Vivências. Vol.6, N.9: p.177-183, Maio de 2010

Quando houver grupos de crianças esta ação pode ser complementada pela criação e interpretação de uma história a partir das experiências compartilhadas pelos visitantes.

VideoMapping

O *videomapping* é a técnica utilizada para mapear superfícies com um único projetor, possibilitando a realização de obras complexas com múltiplas camadas de vídeo, em tempo real e independente entre si, mesclando imagens com sons, músicas e ritmos. As duas técnicas possibilitam alternativas à produção convencional em audiovisual, e oferecem um amplo campo de expressão com diversas possibilidades de inserção no meio artístico¹⁸.

Esta técnica de projeção é usada para transformar qualquer superfície, mesmo a mais irregular, numa tela de vídeo dinâmica, tais como fachadas de edifícios sem qualquer distorção. Neste caso seria projetar a história da cidade e do palacete, assim como demais projeções artísticas que a cidade possa vir a receber.

CONCLUSÃO

Museus são responsáveis por gerenciar e articular as demandas sociais em prol do patrimônio cultural, e para atingir este objetivo é necessário que a instituição, e principalmente, seus visitantes o reconhecerem como local patrimonial.

Para Bemvenuti¹⁹, o panorama das ações educativas nos museus do Brasil, abrangem concepções teóricas diferentes: por um lado, as ações educativas contemplam ações isoladas, como a monitoria informativa, ou um programa de ação educativa que não instiga o espectador a refletir sobre o registro realizado pelo artista; por outro lado, existem setores organizados desenvolvendo pesquisa e atividades relacionadas à leitura de obras em que podemos observar ações educativas sistematizadas.

¹⁸ SESC, Estratégias Audiovisuais Contemporâneas – Vj e Videomapping, 2014. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/aulas/21581 ESTRATEGIAS+AUDIOVISUAIS+CONTEMPORANEAS+VJ+E+VIDEOMAPPING>> Acesso em: 10 jun 2016.

¹⁹ BEMVENUTI, Alice. Museus e educação em museus: história, metodologias e projetos. Com análises de caso: museus de arte contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado – PPGAVI/UFRGS, 2004. p. 345

É preciso ressaltar que de modo geral as ações, são ofertadas por grandes instituições museológicas brasileiras. Elas não representam a realidade dos museus com menos público e dimensões no Brasil.

Para serem implementadas, e principalmente aprimoradas pelos visitantes, o setor educativo da instituição deve ser organizado, ou possuir uma equipe de funcionários preparados para prestar este tipo de serviço. A ausência de monitores, mediadores ou atendentes em museus é um fato concreto.

Apesar da carência, e da falta de identificação do público com o patrimônio e sua localidade, as práticas educativas desenvolvidas, aplicadas neste caso, têm como intuito de contribuir para a difusão dos bens culturais. Entretanto, não basta garantir a democratização do acesso aos bens culturais, é preciso formar um público que seja capaz de construir e desconstruir discursos no campo do patrimônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ÁTILA BEZERRA TOLENTINO ORG; IPHAN na Paraíba; Educação patrimonial: reflexões e práticas; João Pessoa, 2012
2. CARDOSO, Luciana Silveira; e COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da; Por uma política de gestão para os Museus, Cadernos NAUI Vol. 3, n.4, jan-jun 2014, UFSC, Florianópolis, 2014. Disponível em <<http://nau.ufsc.br/files/2014/11/Por-uma-Pol%C3%ADtica-de-Gest%C3%A3o-para-os-Museus.pdf>> Acesso em: 05 mar 2016.
3. ORGANIZAÇÃO ÁTILA BEZERRA, IPHAN PARAÍBA, Educação patrimonial: reflexões e práticas, IPHAN, João Pessoa, 2012. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf> Acesso em: 10 jun 2016.
4. PACHECO, Ricardo; Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museus e o ensino de história, Revista Brasileira de História, SP, 2010;
5. SILVEIRA A, BIAZUS M.; As ações educativas em museus de arte no Brasil, CEART/UDESC, 2012;
6. SOUZA, Rodrigo Diego de. A ação educativa e o Esclarecimento: o conceito de autonomia e heteronomia na filosofia da educação de Kant e Paulo Freire,
7. VERGARA, Luiz Guilherme. Curadorias educativas: a consciência do olhar: percepção imaginativa, perspectiva fenomenológicas aplicadas à experiência

estética. In: Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. v.3. São Paulo, out/1996;